

# O CORPO DA MULHER ASSEDIADO/VIOLENTADO

Um olhar para essa Mulher por meio da disciplina Projeto de Vida

**Laura Marin Lugo Magdalena, Janete Rosa da Fonseca**

lauramlmagdalena80@gmail.com, janete.fonseca@ufms.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

**IV Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024**

**Resumo.** *O presente artigo tem como objetivo abordar a temática “A mulher assediada/estuprada”, o quanto ela se culpa quando o seu corpo é violado, sentindo-se impotente perante o fato. Como essa mulher pode ou consegue viver após essa violação? Como retomar a vida em segurança? Dito isso, utilizar as ferramentas oferecidas no âmbito escolar, tal qual a disciplina Projeto de Vida (que planeja formar o cidadão, busca promover a autonomia do aluno) abordar discussões e reflexões relacionadas a mulher. O quanto é relevante essa aula para conscientizar o papel da mulher dentro de uma sociedade que a discrimina, sendo ela: aluna, mãe, diretora, filha, prima, entres outros, tal qual pelo fato de serem mulheres. Dessa forma, permitir que os estudantes compreendam que o respeito à mulher faz parte do desenvolvimento da comunidade. Nesse cenário, tenciona-se discutir o quanto a mulher ainda é vista como subordinada ao homem, independe de onde ela se apresenta na sociedade, ainda sofre por causa da ideologia patriarcal, em pleno século XXI. A metodologia usada é bibliográfica, com autores que falam sobre o feminismo, os direitos das mulheres, assim como relacionado a disciplina. Por fim, deixar evidente o quanto um abuso é destrutivo, como nós mulheres somos invalidadas por nossas dores e nossos corpos, que as consequências nos acompanham pelo resto da vida e mesmo diante de tanta dor, diminuídas pelo sistema patriarcal e misógino.*

**Palavras-chave:** *Mulher; Abuso Físico; Projeto de Vida.*

**Abstract.** *This article aims to address the theme “The harassed/raped woman”, how much she blames herself when her body is violated, feeling powerless in the face of the fact. How can or can this woman live after this rape? How to resume life safely? That said, using the tools offered at school, such as the Life Project subject (which plans to train citizens, seeks to promote student autonomy) to address discussions and reflections related to women. How relevant this class is to raise awareness of the role of women within a society that discriminates against them, whether they are: student, mother, director, daughter, cousin, among others, just because they are women. In this way, allowing students to understand that respect for women is part of community development. In this scenario, we intend to discuss how women are still seen as subordinate to men, regardless of where they appear in society, and still suffer because of patriarchal ideology, in the 21st century. The methodology used is bibliographic, with authors who talk about feminism, women's rights, as well as*

*related disciplines. Finally, make it clear how destructive abuse is, how we women are invalidated by our pain and our bodies, that the consequences follow us for the rest of our lives and even in the face of so much pain, diminished by the patriarchal and misogynistic system.*

**Keywords:** *Woman; Physical Abuse; Life Project.*

**Resumen.** *Este artículo tiene como objetivo abordar el tema “La mujer acosada/violada”, cuánto se culpa cuando su cuerpo es violado, sintiéndose impotente ante el hecho. ¿Cómo puede o podrá vivir esta mujer después de esta violación? ¿Cómo retomar la vida de forma segura? Dicho esto, utilizar las herramientas que se ofrecen en la escuela, como la asignatura Proyecto de Vida (que prevé formar ciudadanía, busca promover la autonomía de los estudiantes) para abordar discusiones y reflexiones relacionadas con las mujeres. Que relevante es esta clase para concientizar sobre el papel de la mujer dentro de una sociedad que las discrimina, ya sean: estudiante, madre, directora, hija, prima, entre otras, solo por el hecho de ser mujeres. De esta manera, permitir que los estudiantes comprendan que el respeto a la mujer es parte del desarrollo comunitario. En este escenario, pretendemos discutir cómo las mujeres todavía son vistas como subordinadas a los hombres, independientemente de dónde aparezcan en la sociedad, y todavía sufren debido a la ideología patriarcal, en el siglo XXI. La metodología utilizada es bibliográfica, con autores que hablan sobre feminismo, derechos de las mujeres, así como disciplinas afines. Por último, dejar claro lo destructivo que es el abuso, cómo las mujeres somos invalidadas por nuestro dolor y nuestro cuerpo, que las consecuencias nos siguen por el resto de nuestras vidas e incluso ante tanto dolor, disminuido por el sistema patriarcal y misógino.*

**Palabras clave:** *Mujer; Abuso Físico; Proyecto de Vida.*

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo abordar a temática “O corpo da mulher assediado/violentado – um olhar para essa mulher por meio da disciplina Projeto de Vida”, onde essa problemática traz resultados que danificam uma vida para sempre, pois a mulher quando tem seu corpo invadido, sente-se impotente durante toda sua trajetória futura. Como essa mulher pode ou consegue viver após essa violação? Como retomar a vida em segurança?

Num segundo momento apresentar a disciplina Projeto de Vida, como é uma ferramenta pertinente para o currículo escolar, onde nela tem fundamentados habilidades e competências, que norteiam o desenrolar do conteúdo. O Projeto de Vida tem três pilares essenciais para o seu desenvolvimento, que permeia o pessoal, o social e o profissional dentro da vida de um estudante.

A apresentação dessa temática traz conforto e desconforto, por se tratar de uma realidade de lutas exaustivas que as mulheres peleiam em favor de sua existência, dignidade e moral diante de uma sociedade preconceituosa, patriarcal, misógina e machista. Onde a mulher se vê o tempo todo fora de sua zona de conforto para se fazer respeitada.

Dessa maneira, se pode dizer que o homem, desde o seu nascimento foi criado para se ver como superior e digno de diferenças de gêneros na sociedade, onde há diferença salarial, assédio físico e moral, violação, cultura do estupro, entre outros. Mesmo assim a mulher sair e ser culpada pelos seus atos libidinosos.

Contudo, pode-se observar que o corpo de uma mulher é objeto de desejo, desprezo, cobiça e controle desde os primórdios tempos. Que sua luta ocorre devido os absurdos cometidos pelos homens. Desde o nascimento de uma mulher, ela é vista como um objeto para ser usado, manipulado e descartado. Segundo Lugones:

“... compreender a preocupante indiferença que os homens demonstram em relação à violência que é sistematicamente infligida às mulheres negras: mulheres não brancas; mulheres vítimas da colonialidade do poder e, inseparavelmente, da colonialidade do gênero; mulheres que criaram análises críticas do feminismo hegemônico precisamente por ignorarem a interseccionalidade de raça/classe/sexualidade/gênero”. (LUGONES, 2008. p.75). (minha tradução) 1

Diante dessa premissa, analisa que muito já foi percorrido e ainda tem a percorrer para conseguir a tão almejada igualdade de gênero, para que as mulheres possam desfrutar sua vida com segurança e liberdade. Que o ir e vir seja respeitado, seja onde estiver essa mulher, independente de qual é a sua etnia, sua classe social e sua profissão. Da mesma maneira, visar o quão é difícil transformar essa mentalidade machista.

Por fim, o presente artigo pretende olhar para essa mulher assediada/violada com respeito a sua preciosa vida. Que ele encontre na sociedade respaldo jurídico e emocional para suas penosas dores. Que ela tenha direito de ser vítima e ser protegida, seja por nós

---

<sup>1</sup> ... entender la preocupante indiferencia que los hombres muestran hacia las violencias que sistemáticamente se infringen sobre las mujeres de color: mujeres no blancas; mujeres víctimas de la colonialidad del poder e, inseparablemente, de la colonialidad del género; mujeres que han creado análisis críticos del feminismo hegemónico precisamente por el ignorar la interseccionalidad de raza/clase/sexualidad/genero. (LUGONES, 2008. p.75)

mulheres ou pelos ‘homens direitos’ da sociedade. A metodologia usada é bibliográfica, conversando com autores a partir dos pressupostos feministas, tal qual: Lugones (2008), Abu-Lughod (2012), Wallace (1994), Oyěwùmí (2021), dentre outros.

## **O CORPO DA MULHER - ASSEDIADO/VIOLENTADO**

Sou Mulher! Fui gerada num ventre feminino, com o passar dos meses meu corpo foi se desenvolvendo, fui me conhecendo, prestando atenção em todos os barulhos e movimento que escutava. Durante esse processo me senti protegida, dentro da barriga dessa mulher que me carregou, me nutriu e me alimentou. Tenho em meus registros DNA materno e paterno do relacionamento que me gerou.

Quando nasci, viram uma menina linda, sorridente e saudável. A família estava feliz com a minha chegada e vibraram de alegria. Os parentes festejaram junto com os amigos. Quanto romantismo em meu nascimento, tudo tão bem formado e encantador. Será que é verdade? Ou precisamos voltar a fita e começar uma nova narrativa?

A mulher que me trouxe ao mundo, desde o momento que ficou grávida passou por situações desagradáveis, seja pela experiência ou in experiência, por ter engravidado porque quis, porque quis dar o golpe do baú, porque o pai da criança não queria assumir, porque ele não estava preparado para ser pai, porque era muito nova ou muito velha, com condições ou sem condições, não importa qual foi o trajeto, pois tudo é motivo para ser julgada.

Dessa forma, essa mulher e muitas outras mulheres, escutam durante e no final de sua gestação: -agente firme, -não seja fraca, -é só um parto, -para de escândalo, -aguentou fazer, agente parir e muitas outras coisas desagradáveis que outros seres humanos insiste em julgar. Assim, inicia a violação ao corpo da mulher, desde o primeiro momento do seu nascimento já escuta julgamentos em relação àquela que lhe trouxe ao mundo.

Dito isso, fica evidente que quando nasce uma menina, já é sabido que ela terá que tomar todos os cuidados para não ter seu corpo assediado/violado, pelo simples fato de nascer mulher dentro de um sistema patriarcal e misógino. Tal sistema que a mulher fica à mercê de tratamentos diferentes, salários, cobranças, preconceitos, discriminação e machismo estrutural.

A vida continuou e aos meus 08 anos de idade, um homem assediador observava

eu e meus irmãos brincando de skate num parque em plena capital federal. Quando ele teve uma chance, me agarrou e bolinou meu pequeno corpo de forma perversa e invasiva. Meus dias nunca mais foram os mesmos, pois de agora em diante qualquer ‘homem com bigode’ me dava medo e me paralisava. A culpa era minha por ser menina? Será que eu provoquei esse homem? Ou, será que ele podia me assediar porque meninas/mulheres não precisam ser respeitadas?

Diante disso, a culpa tomava meus pensamentos, nenhum lugar mais era seguro para eu brincar ou me sentir à vontade. O brilho em meus olhos apagou e o meu sorriso já não era mais doce. Me tornei uma pessoa desconfiada, triste e quando um homem se aproximava, com medo, paralisava e temia ser assediada/violada. Até a coragem se fazer presente, a terapia ser tornar uma aliada para os meus traumas e minhas dores, fiquei com tudo isso guardado em meu coração.

Qual é o preço que foi pago por ser mulher, por ter um corpo feminino? Pelo fato de não ser respeitada ‘pelos homens dessa sociedade’. Quantas marcas visíveis e invisíveis carrego ainda da violência física, mental? Quanto tempo fui insegura, simplesmente por ser mulher? A esta mulher do relato, quais perguntas tiveram respostas? Como conseguir voltar a ter uma rotina sem medo e incertezas? Perguntas que variam de mulher para mulher, situação para situação, onde cada caso é totalmente diferente no sentir e viver.

Nenhuma mulher está a salvo, independente em qual país ela nasceu, qual sua idade, qual sua posição social, qual a sua profissão e se ela tem conhecimento dos seus direitos. O assédio e a violência contra a mulher são temas relevantes que precisa ser falado/relatado ano após ano. Abordar o quanto é necessário ser debatido, para ‘quem sabe um dia’ a sociedade respeite as mulheres. Com isso, a seguir, contribuições de diversas autoras (independente da etnia) que lutam pelos direitos das Mulheres:

“Por 20 anos, a MdM (Médecins Du Monde - rede humanitária internacional) tem lutado incessantemente para ajudar àqueles que são mais vulneráveis. Mas crescentemente, densos véus cobrem as vítimas da guerra. Quando o Talibã chegou ao poder em 1996, as mulheres afegãs perderam suas faces. Desvendar a face de alguém que recebia tratamento médico era atingir certa intimidade, encontrar um pequeno espaço para uma liberdade secreta e recuperar um pouco da dignidade desse alguém. Em um país onde as mulheres não tinham acesso a tratamento médico por não terem o direito de aparecer em público, onde as mulheres não tinham o direito de praticar a medicina, o programa da MdM se manteve persistentemente lembrando os direitos humanos. Por favor, junte-se a nós

e ajude a levantar o véu”. (ABU-LUGHOD, 2012. p.466).

“É necessário compreender que as vozes do feminismo negro nos Estados Unidos emergem hoje de uma longa tradição de 'silêncio' estrutural das mulheres de cor na esfera da produção de conhecimento em todo o mundo. Raramente abordado pela tendência dominante do feminismo, ou pela tendência radical ou por qualquer uma, esse silêncio tem condenado ao fracasso a maioria dos esforços para mudar o status e a condição da mulher negra dentro da sociedade. Existe atualmente outro perigo, de que na proliferação de imagens negras na televisão, vídeos de música e, em menor extensão, no cinema, estejamos apenas assistindo a uma variação pós-moderna desse fenômeno de silêncio da mulher negra”. (WALLACE. 1994. p.3).

“Desde as pessoas da antiguidade até as da modernidade, o gênero tem sido uma categoria fundamental sobre a qual as categorias sociais foram erguidas. Assim, o gênero foi ontologicamente conceituado. A categoria cidadão, que tem sido a pedra angular de grande parte da teoria política ocidental, era masculina, apesar das muito aclamadas tradições democráticas ocidentais. Elucidando a categorização dos sexos feita por Aristóteles, Elizabeth Spelman escreve: “Uma mulher é uma fêmea que é livre; um homem é um macho que é um cidadão”. As mulheres foram excluídas da categoria de cidadãos porque “a posse do pênis” era uma das qualificações para a cidadania. Londa Schiebinger observa, em um estudo sobre as origens da ciência moderna e a exclusão das mulheres das instituições científicas europeias, que “as diferenças entre os dois sexos eram reflexos de um conjunto de princípios dualistas que penetravam o cosmos e os corpos de homens e mulheres”. Diferenças e hierarquias, portanto, estão consagradas nos corpos; e os corpos consagram as diferenças e a hierarquia. Assim, dualismos como natureza/cultura, público/privado e visível/invisível são variações sobre o tema dos corpos masculinos/femininos hierarquicamente ordenados, diferencialmente colocados em relação ao poder, e espacialmente distanciados um do outro. (OYĚWÙMÍ. 2021, p.52)

Em suma, as lutas são inúmeras e constantes para que a mulher tenha o seu direito respeitado, para que seu corpo não seja mais alvo de assédio/abuso. Para que ela possa atuar onde queira e como queira, sabendo que pode ser respeitada, seja ela: filha, mãe, tia, avó, amiga, aluna, professora, diretora, política, dentista, frentista, entre outros. Qual título ela tiver, qual função ela exercer, tenha sua vida respeitada.

## **PROJETO DE VIDA – uma disciplina relevante**

Na atual conjuntura da sociedade se faz necessário refletir como essa geração está desenvolvendo seu papel como cidadão, como profissional e como ele vai lidar com as

diferenças da comunidade. Pensando nisso, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em o seu currículo tem a disciplina Projeto de Vida, que em suas competências e habilidades visam construir uma caminhada de autoconhecimento na vida dos estudantes.

“A abordagem e construção de um projeto de vida na escola. Trabalhar o projeto de vida na escola é ajudar a criança e o jovem a desenvolver seu autoconhecimento e planos para o futuro. Assim a escola cumpre um de seus papéis na formação de pessoas, colocando ainda o jovem como protagonista de sua própria jornada”. (SAE DIGITAL, 2021).

Diante disso, a BNCC por meio de suas definições de competências e habilidades essenciais presume na ‘competência geral 6’ que “os estudantes possam: - Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. ” (SABER MAIS E MAIS, 2018).

O Projeto de Vida é uma ferramenta fundamental de articulação nas ações do projeto pedagógico da escola, da gestão escolar, dos docentes em relação ao que ela proporciona no avanço instrutivo do estudante. É nessa disciplina que há diversos tipos de saberes que são essenciais na construção desse indivíduo.

Sendo assim, em conjunto com a escola, se estabelecem dinâmicas que permitam que os estudantes exercitem sua autonomia, aprendam a se planejarem, definirem metas, desenvolverem competências socioemocionais e cognitivas. A disciplina Projeto de Vida tem três pilares fundamentais para o seu desenvolvimento, sendo eles: o pessoal, o social e o profissional.

Dessa forma, essa disciplina pode inserir ao seu conteúdo pautas relevantes, lutas sociais que fazem parte das problemáticas da sociedade. A temática que será abordada aqui será referente a luta das mulheres na sociedade, onde aprender desde cedo que o respeito é e deve ser essencial para mudanças futuras. Que ao ter consciência que a mulher deve ser respeitada em todas os locais que ela frequenta, seja em casa, na escola, no trabalho, na vida social faz toda a diferença.

Então, o Projeto de Vida na escola, a partir dos três pilares/dimensões pode elucidar para os estudantes essa temática de forma fragmentada e ao mesmo tempo unificada. De

forma bem delineada e clara, tornando a temática um assunto de reflexão e conscientização do relevante papel da mulher na sociedade.

O pessoal - Neste pilar é trabalhado o autoconhecimento, onde o estudante se reconhece como sujeito e compreende sua identidade. É preciso que haja questionamento referente a quem são? Quais seus interesses? Suas habilidades? Seus pontos positivos e negativos? Além disso, entender a sua identidade dentro da família e as tradições e crenças que influenciam esse desenvolvimento. Assim como, quem é você na escola. Dessa forma:

“Na dimensão pessoal, o principal ponto a ser trabalhado é o autoconhecimento. O intuito é fazer com que os jovens se reconheçam como sujeitos. Entre os aspectos desenvolvidos estão: - a construção de identidade e valores; -o reconhecimento da própria origem; - a forma de lidar com os sentimentos. É nessa dimensão em que se identificam os interesses, habilidades e vontades. O autoconhecimento favorece ainda a autoaceitação e o fortalecimento da autoestima, armas importantíssimas para o desenvolvimento pessoal”. (SAE DIGITAL, 2021).

O social - O pilar social nos mostra qual é o lugar de pertencimento do sujeito ao coletivo e como funciona essa comunidade. Onde, o estudante observa o seu entorno, a sociedade e o indivíduo que atua nesta. Quais são as ações que atuam de forma positiva ou negativa na sociedade e como desenvolve. Como também, um pilar que aborda os direitos humanos, a moral e ética. “ O estudante deve ser levado a pensar na resolução de problemas coletivos que podem contar com a sua ação, desde questões locais até globais. É importante que se desenvolva a consciência de que a vida em sociedade presume responsabilidades que, muitas vezes, são negligenciadas pelas pessoas”. (CONEXA EDUCAÇ, 2021).

Na dimensão social os jovens devem refletir sobre as relações interpessoais. Não só com o seu entorno mais próximo — familiares e colegas de escola — mas também da relação com o mundo, e o impacto que essas relações provocam. Para desenvolver essa área no projeto de vida na escola, as atividades em grupo e o desenvolvimento de um senso de responsabilidade para com o bem comum são essenciais. Deve-se abordar a atuação dos indivíduos na sociedade para a solução de problemas coletivos, desde a escola até o planeta. É a dimensão responsável, também, pelo desenvolvimento de empatia e ética, por exemplo. (SAE DIGITAL, 2021).

O profissional - O terceiro pilar é aquele que mira como o estudante será na área

profissional, avistando o futuro no mundo do trabalho. Esse pilar atua com os outros dois pilares: pessoal e social. Ele é relevante por se tratar da carreira do estudante e como agir profissionalmente. Esclarecendo ao estudante o funcionamento da carreira profissional, permitindo que o aluno trace os seus futuros, seus objetivos e como podem realizá-lo.

A dimensão profissional é a primeira pensada ao se falar de projeto de vida na escola. Nela, trabalha-se a inserção e permanência do jovem no mundo profissional, e a atuação produtiva deles no futuro. Para essa área também é importante o autoconhecimento para a identificação e desenvolvimento de habilidades, competências e conhecimentos formais. Adequando-se ao século XXI, e à constante transformação do trabalho, é preciso abordar temas como a criatividade, uso da tecnologia e empreendedorismo, entre outros. (SAE DIGITAL, 2021).

Destarte, essa é uma disciplina que desenvolverá o aluno em variados aspectos, fazendo com que o estudante possa se abrir e abrir oportunidades em sua vida pessoal, social e profissional. Indo para a vida adulta com uma percepção diferenciada do que ele tem noção e o que realmente é a sociedade. Então, bem aproveitada dará suporte para que os mesmos tenham segurança em sua vida futura.

## **UM OLHAR PARA ESSA MULHER POR MEIO DA DISCIPLINA PROJETO DE VIDA**

Desde que ‘nos entendemos por gente’ entrar para a escola faz parte do nosso currículo pessoal, social e profissional, onde se adquire conhecimento formal, práticas de como viver em sociedade e também aprender regras. A escola é o portal de formação e transformação na vida de uma pessoa e é ela que nos direciona para quem seremos e qual profissional seremos na vida adulta.

A escola oferece uma gama de disciplinas individuais, que podem ser trabalhadas sozinhas ou juntas, de forma interdisciplinar, onde sabemos que a língua portuguesa deixa nosso vocabulário requintado, a matemática nos ensina no manusear com o dinheiro, a química nos experimentos culinários, entre outros. Mas esse aprendizado não é somente formal, pois há também disciplinas que nos mostram a cultura, o olhar para o corpo em exercício e nos ensinam a viver na sociedade.

Dessa forma, a disciplina projeto de vida nos permite ver a vida de forma holística, onde esse todo faz parte da sociedade e das pautas de lutas sociais que vemos, fazemos parte, escolhemos para seguir e nos simpatizamos com elas. Aproveitando que ela oferece embasamento relacionado as questões da vida, a temática do artigo pode ser explanada, vivenciada, para que desde cedo esse pequeno cidadão entenda a Mulher.

O Projeto de Vida tem pilares fundamentais, com competências e habilidades que sustentam as temáticas ofertadas no decorrer do ano letivo. Levando em consideração a importância de falarmos das mulheres em suas lutas sociais de direitos e igualdades, da discriminação sofrida, dos assédios em diferentes lugares, da sua vivência num sistema de machismo estrutural.

Aqui será colocado formas de trabalhar os pilares em junção com o tema Mulher:

No pilar pessoal – mostrar para essa aluna e seus colegas de sala, que ela uma tem identidade, pertence a uma etnia, tem capacidade intelectual, que juntos aos demais estudantes, está se qualificando para sua formação como pessoa. Ela é um ser social que está inserida nessa sociedade. Deixar ciente que o respeito começa desde cedo e quando uma mulher é ferida, a identidade das demais também são, que essa mulher pode ser a irmã, a mãe ou qualquer título que ela tenha.

No pilar social - quem é essa mulher que vive nessa sociedade machista, patriarcal, misógina, suas lutas sociais. Na dimensão social refletir sobre as “as questões relacionadas ao combate da cultura do estupro e no combate ao assédio, à violência contra mulher.” Que uma mulher possa se vestir conforme lhe agrada e deve ser respeitada por sua escolha. Que ela possa andar livremente sem medo de ser assediada/violentada. Que seus direitos sejam cumpridos, sem precisar usar a lei “Maria da Penha”.<sup>2</sup> Que são esses meninos/homens estudantes que participarão e partilharão dessa sociedade ao lado dessa menina/mulher. (SILVA, 2010)

No pilar profissional - Quem será essa profissional no mercado de trabalho. Quem ela almeja ser? A resposta de mulher para mulher é: quem ela quiser ser, mas para o aprendizado destes, que elas podem ter profissões iguais a deles e não é por isso que um será

---

<sup>2</sup> A Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06) permite que um juiz estabeleça uma distância mínima entre um agressor e uma vítima de violência doméstica ou familiar, como medida de proteção. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em 14 de setembro de 2024.

inferior ao outro. Que a capacitação da profissão vem com a dedicação e disciplina, não se ela é homem ou mulher, não pela sua orientação sexual. Que desigualdade salarial no mercado de trabalho é uma violência contra a mulher.

Por fim, aproveitar desta disciplina para trazer à tona a necessidade de respeitar a mulher e as mulheres que os cercam, as lutas feministas<sup>3</sup>, lutas raciais, lutas de etnias, lutas de gêneros e sexualidade e demais causas da sociedade. Que a mulher precisa parar de ser assediada/violentada/ferida/diminuída pelo simples fato de ser mulher, que é preciso dar um basta no feminicídio<sup>4</sup> e nesse ciclo de violação ao direito da mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo abordou o importante tema ‘O corpo da Mulher assediado/violentado que traz consigo profundas reflexões do papel na mulher na sociedade, as lutas que as envolvem desde a sua existência. Como é pertinente trabalhar esse assunto por meio da disciplina Projeto de Vida, que norteia o estudante em sua vida pessoal, social e profissional.

A narrativa de uma mulher que teve seu corpo invadido e como se deu o desfecho dos seus seguintes anos após essa violação. Os temores vividos por essa mulher, o preconceito e julgamento da vítima. Tal fato que nunca deixará de existir em sua vida e em sua memória. Por quanto tempo uma mulher segue com medo e desprotegida?

As explanações de como é possível usufruir dessa matéria para conscientizar homens e as próprias mulheres, no que se refere a uma sociedade livre, com igualdade de gênero, valores pessoais e profissionais. Para que isso mude é necessário mudar o sistema, pois num sistema engessado não há espaço para uma mudança.

“Tanto no contexto histórico quanto na economia política global da atualidade, o papel da família nas relações sociais patriarcais é tão

---

<sup>3</sup> Feminista no Brasil do século XXI concentram-se, em geral, nas questões relacionadas ao combate da cultura do estupro e no combate ao assédio, à violência contra mulher, na criação de políticas públicas que garantam o bem-estar e a igualdade de condição das mulheres e no combate à desigualdade salarial existente no mercado de trabalho." Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/feminismo.htm>. Acesso em 18 de setembro de 2024.

<sup>4</sup> Lei do feminicídio (Lei 13.104/15), o assassinato de mulheres por serem mulheres. A lei considera feminicídio quando o assassinato envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher da vítima. Fonte: Agência Câmara de Notícias. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/643729-lei-do-femicidio-faz-cinco-anos/>> Acesso em 18 de setembro de 2024.

heterogêneo e controverso que simplesmente substituir a família nesta problemática não vai romper essa estrutura. Tampouco estaria a solução na inclusão positivista de uma coletividade monolítica de "mulheres" na lista dos oprimidos cuja subjetividade inquebrantável lhes permita falar por si mesmas contra um "mesmo sistema" igualmente monolítico". (SPIVAK, 2010. p.50)

Sendo assim, as mulheres estão em desvantagens ainda, pois o sistema patriarcal, misógino, engessado, ultrapassado e não abre espaço para outros objetivos que não sejam deles mesmos. A mulher continua tendo sendo papel subalternizado. Contudo, mesmo diante dessa premissa continuamos lutando incansavelmente pelas Mulheres.

Afinal, ressaltar como podemos e devemos continuar lutando por nós mulheres, que contribuimos para o nutrir, crescer, desenvolver desse homem que nos limita. Enxergando que a mulher é uma potência humana e que por vezes suas habilidades não podem ser comparadas, uma vez que nós mulheres que geramos vida para o mundo patriarcal.

## REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, L. (2012). **As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?**

Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. Revista Estudos Feministas, 20(2), 451–470. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200006>. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200006>>. Acesso em 13 de setembro de 2024.

CONEXIA EDUCAÇÃO. 2021. **Como trabalhar o Projeto de vida na escola? Descubra!**

Disponível em: (<https://blog.conexia.com.br/projeto-vida/#:~:text=Desse%20modo%2C%20s%C3%A3o%20esses%20os,o%20social%20e%20o%20profissional>) . Acesso em 12 de setembro de 2024.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. Tábula Rasa [on-line]. 2008, n.9, pp.73-102.

ISSN 1794-2489. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em 12 de setembro de 2024.

OYËWUMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero /Oyèrónké Oyëwùmí; tradução wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

SABER MAIS E MAIS. 2018. **Base Nacional Comum Curricular e as novas perspectivas para a Educação**. Disponível em: (<https://sabermaisemais.com/2018/10/11/base-nacional-comum-curricular-e-as-novas-perspectivas-para-a-educacao/>). Acesso em 12 de setembro de 2024.

SAE DIGITAL. 2021. **Projeto de vida na escola: o que a BNCC diz sobre essa competência?** Disponível em: (<https://sae.digital/projeto-de-vida-na-escola/>). Acesso em 12 de setembro de 2024.

SILVA, Daniel Neves. "Feminismo no Brasil". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/feminismo.htm>. Acesso em 18 de setembro de 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravony, 1942- **Pode o subalterno falar?** I Gayatri Chakravorty Spivak; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte: Editora UFMG,2010. 174 p. (Babel)

WALLACE, Michele. (1994). **Imagens Negativas** - para uma crítica cultural feminista negra. Revista Estudos Feministas, 2(3), 65. <https://doi.org/10.1590/%x>. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16290>>. Acesso em 13 de setembro de 2024.